

ARTIVISMOS FEMINISTAS E EDUCAÇÃO: análises de teses e dissertações dos programas de pós-graduação (2018-2023)

Indiara Launa Teodoro da Silva Lima¹

Ana Paula Abrahamian de Souza²

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da produção acadêmico-científica sobre as relações entre ativismos feministas e educação. Tendo como recorte o período de 2018 a 2023, analisa-se sob uma abordagem qualitativa pós-crítica, mapeando os campos teórico-metodológicos, aspectos investigativos e resultados mais representativos das publicações. Foram identificadas dez publicações no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os seguintes descritores: ativismo, feminismo, educação popular e educação. A emergência de estudos sobre as expressões artivistas feministas nos últimos anos, e a ausência relevante de maiores trabalhos que explicitem a relação destas práticas com a educação, é uma das principais constatações evidenciadas pela análise de pesquisa bibliográfica. Dentro das diversas dimensões, que abrangem as discussões nos estudos, as mais relevantes aparecem sob a luz das teorias pós-estruturalistas, *queer*, decoloniais e em formulações sobre os lugares educativos dos ativismos, que variam entre a educação não-formal e a pedagogia feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Artivismos Feministas. Educação. Estado da Arte.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/Fundaj) com financiamento CAPES, integrante do grupo de pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3211436990232292>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4657-2587>. Contato: indilauna.il@gmail.com

² Professora do curso de Pedagogia (UFRPE), professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/Fundaj), coordenadora do grupo de pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5944309643014109>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4321-3458>. Contato: anapaula.souza@ufrpe.br

FEMINIST ARTIVISMS AND EDUCATION: analyses of theses and dissertations from postgraduate programs (2018-2023)

ABSTRACT

This article presents a state-of-the-art on the relations between Feminist Artivisms and Education, taking the period from 2018 to 2023 as a cutout. The material was analyzed under a post-critical qualitative approach, mapping the theoretical-methodological fields, investigative aspects and more representative findings in publications. Ten publications were identified in the collection of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), using the descriptors: Artivism, Feminism, Popular Education and Education. The emergence of studies on feminist artivism in recent years, and the absence of major works that explain the relationship between these practices and education, is one of the main findings highlighted by the analysis. Within the various dimensions that encompass the discussions of the studies, the most relevant appear in the light of post-structuralist, queer and decolonial theories, and in formulations about the educational places of artivisms, which vary between non-formal education and feminist pedagogy.

KEYWORDS: Feminist Artivism. Education. State-of-the-art.

ARTIVISMOS FEMINISTAS Y EDUCACIÓN: análisis de tesis y disertaciones de programas de posgrado (2018-2023)

RESUMEN

Este artículo presenta un estado del arte sobre la relación entre Artivismos feministas y Educación, tomando como recorte el período de 2018 a 2023. El material fue analizado bajo un enfoque cualitativo poscrítico, mapeando los campos teórico-metodológicos, aspectos investigativos y hallazgos más representativos en las publicaciones. Se identificaron diez publicaciones en el acervo de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD), utilizando los descriptores: Artivismo, Feminismo, Educación Popular y

Educación. El surgimiento de estudios sobre las expresiones artivistas feministas en los últimos años, y la ausencia de trabajos que expliquen la relación entre estas prácticas y la educación, es uno de los principales hallazgos resaltados por el análisis. Dentro de las diversas dimensiones que abarcan las discusiones de los estudios, las más relevantes aparecen a la luz de las teorías postestructuralistas, queer y decoloniales, y en las formulaciones sobre los lugares educativos de los artivismos, que varían entre la educación no formal y la pedagogía feminista.

PALABRAS-CLAVE: Artivismos Feministas. Educación. Estado del arte.

INTRODUÇÃO

Este artigo³ se propõe a entender, pela produção acadêmico-científica brasileira mapeada através do processo de pesquisa “Estado da Arte” (FERREIRA, 2021), como as temáticas artivismo, feminismo e educação foram relacionadas e debatidas nos últimos anos. O recorte e a temática de pesquisa se justificam, entre outras razões, porque na última década assistimos uma virada crítica no mundo das artes, onde o giro decolonial (BALLESTRIN, 2013) dos movimentos feministas ganham maior visibilidade. Articuladas à pauta antirracista, esses movimentos apontam para as colonialidades do ser, saber e poder (MALDONADO-TORRES, 2007; DUSSEL, 2003; QUIJANO, 2005) como instâncias estruturantes das práticas legitimadoras da arte em suas posições de autoria e políticas de anonimato.

A partir de tais dinâmicas, os espaços institucionais de arte, como os museus, galerias e exposições, tornaram-se palco de disputas protagonizadas por grupos dissidentes, vindos de diferentes marcadores sociais (tais como a raça, o gênero, a sexualidade e a classe de forma interseccional), que pleiteiam pela afirmação das suas memórias enquanto estratégia de luta. Entre as

³ A pesquisa faz parte da pesquisa em nível de mestrado em andamento, com o título prévio: “TRAMAS ARTIVISTAS DO/NO SUL GLOBAL: experiências estéticas de educação popular feminista na coletiva TROVOA (BR)”.

iniciativas nas quais se podem destacar, dentro do enfoque dessa pesquisa, está a exposição *Entremoveres* (2019), já comentada em um trabalho anterior (LIMA, 2022). Com curadoria coletiva coordenada pelas artistas visuais Ana Lira e Ariana Nuala, a ação expositiva fez parte da Mostra Nacional TROVOA e reuniu obras de 30 artistas negras e racializadas no Museu da Abolição, em Recife. A ocupação durou 4 meses com o caráter de ateliê coletivo, laboratório de trocas de experiências e experimentações.

Essas discussões também ganham espaço em um diálogo interinstitucional, com a revisão feita pelas instituições em seus acervos, que pode ser ilustrada pelo seminário *Histórias feministas, Mulheres radicais* (2018), realizado pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) com a participação de pesquisadores, curadores, educadores, artistas e jovens mobilizadores afastados dos grandes circuitos artísticos. O seminário fez parte da etapa de pesquisa para a exposição *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985*, que aconteceu paralelamente na Pinacoteca de São Paulo, indo de encontro ao projeto curatorial do MASP para o ano seguinte.

Nesse sentido, as experiências em rede tencionadas desde as margens para ocupar e reinventar os espaços de arte têm engendrado a produção de outras gramáticas, que redefinem o olhar destes locais para seus próprios limites enquanto instituições nativas do sistema mundo moderno/colonial. Mais do que isso, articulam um léxico de termos como ‘comunidade’, ‘participação’ e ‘experimentação’ para alargar seus contornos e sugerir equações sócio-museais-pedagógicas. Como define a pesquisadora Judite Primo (2021), “acrescentando a espacialidade e o desterritório/ as comunidades, grupos e movimentos sociais/ as memórias e identidades subalternizadas, as insurgências e transgressões” (PRIMO, 2021, p. 12). É justamente no bojo dessas experiências que pensamos a noção de “Artivismo”, neologismo que une as palavras “arte + ativismo”, e têm sido empregado para caracterizar as intersecções entre experimentação estética e ação política na contemporaneidade, criando possibilidades de interlocuções de vozes e realçando os diálogos entre arte e poder na esfera pública.

Artivismos compreendidos aqui como formas coletivas de resistência cultural, que utilizam uma polifonia de linguagens estéticas (performances, instalações, videoarte, fotografias, etc) com objetivo de insurgir, transgredir, reivindicar, problematizar e promover descolonizações a fim de criar “uma experiência política por meio de um ato artístico” (BORDIN, 2015, p.130), também se adensam na dimensão micropolítica, ao passo que produzem subjetivações, interpelam memórias e identidades nos sujeitos envolvidos nas suas práticas, sejam autores ou públicos. E como tal, são Pedagogias Culturais (ANDRADE; COSTA, 2017), às margens, que instigam e possibilitam aprendizagens múltiplas. Nessa compreensão, para Vanessa Bordin (2015), os artivismos têm como ideia fundamental romper com as relações entre arte e vida, e isso ocorre na possibilidade de criar diálogos ao afetar, despertando sensações, emoções, as quais circulam pelos e entre os corpos.

Ao delinear a noção de artivismos feministas agregamos a estes elementos a concepção das produções estéticas como enunciados, sendo eles atravessados pelos/nos corpos, territórios e identidades, subjetividades e sensibilidades de suas criadoras. Assim, demarcando resistências criativas em ações de coalizão e estabelecendo novos lugares poético-epistemológicos que põem em suspenso os regimes de invisibilidade. Paralelo a isto, é relevante trazer para o contexto desses artivismos a experiência de uma “quarta onda” dos movimentos e estudos feministas no Brasil e na América Latina, como proposto pela socióloga Marlise Matos (2010) que a caracteriza por uma difusão rizomática e em diferentes mídias e modos de organização, conferindo articulações dentro de uma moldura transnacional Sul-Sul, constituída nos encontros entre movimentos sociais e na radicalização da luta anticapitalista. Ainda segundo a autora, a construção de uma crítica epistemológica pulsante dentro dos movimentos sociais feministas latino-americanos inspiram ferramentas teórico-metodológicas substantivas.

Nesse contexto, a pesquisa provoca pensar as potencialidades das expressões estéticas, políticas e pedagógicas dos artivismos feministas, como uma tática original de organização coletiva e práxis educativa feminista popular dentro do contexto latino-americano, levando em consideração, sobretudo, a

transdisciplinaridade de suas estratégias de produção com as lutas e estudos sobre raça-gênero-sexualidade-classe numa perspectiva decolonial. Questionamos, então, quais lugares pedagógicos insurgentes existem nestes atos artísticos e políticos, tecendo relações com as experiências da educação popular feminista ao assumir seus fundamentos dentro de uma dimensão que é, também, cultural, com foco em sujeitas que mobilizam ações criativas em horizontes de lutas e transformações (OLIVEIRA, 2019; LIMA, NERI; SILVA, 2021).

Nessa perspectiva, propomos realizar um Estado da Arte sobre estudos que se dedicam à relação entre ativismos feministas e educação, tendo como recorte o período de 2018 a 2023. O intervalo de tempo compreende os últimos seis anos e marca a intensificação dos movimentos e discussões sobre os ativismos no cenário artístico e acadêmico brasileiro, com destaque para a publicação, em 2018, da Antologia **Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985**, organizado por Cecilia Fajardo Hill e Andrea Giunta, que traduziram para o debate nacional problematizações dispendiosos à mirada feminista nas artes, bem como as investigações de Leandro Colling (2018) no âmbito dos ativismos das dissidências sexuais e de gênero.

Mapeamento das pesquisas: aspectos teórico-metodológicos

Visando mapear a extensão, as perspectivas teóricas e caminhos metodológicos adotados nas pesquisas existentes, optamos por utilizar o processo de pesquisa “Estado da Arte”, definido conforme Norma Ferreira (2021) da seguinte forma: pesquisas de caráter bibliográfico, inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica em uma determinada temática que se pretende investigar, compreendendo a análise de diferentes fontes, como dissertações, teses, periódicos, anais de congressos e seminários. À luz das categorias identificadas a partir e em cada um dos trabalhos localizados, no conjunto dessas o campo do conhecimento, as quais essas temáticas pertencem, é mapeado em suas dimensões e aspectos destacados e privilegiados, em diferentes épocas e lugares, em suas condições de produção

e em suas lacunas, sob as quais o fenômeno que se busca estudar passa a ser analisado.

Aliado a isto, empregamos uma abordagem metodológica qualitativa inspirada na postura conceitual pós-crítica (PARAÍSO; MEYER, 2021). Assim, pensamos a construção metodológica não só como um conjunto de procedimentos e técnicas de coleta de informação, mas também como formas de elaborar perguntas que escapam dos moldes disciplinares, suspendendo significados, interrogando os textos, problematizando saberes produzidos e trilhando caminhos investigativos de acordo com as possibilidades e as precariedades das fontes.

A partir dessas definições, inspirações conceituais e metodológicas realizamos um processo de pesquisa em busca de trabalhos sobre a temática dos ativismos feministas e seus enlaces com a educação, explorando os bancos de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Como mencionado anteriormente, examinamos os trabalhos encontrados dentro do recorte temporal dos últimos seis anos e utilizando os seguintes descritores: ativismo; feminismo, educação popular e educação.

Na primeira fase da pesquisa, iniciamos a busca pelo descritor “ativismo”, identificando 42 produções, entre teses e dissertações, defendidas no período de 2018 até 2023. A Tabela 1 mostra como esse total se divide por anos, apresentando uma emergência das pesquisas, apesar do que pode ser interpretado como uma interrupção no ano de 2020, o que nos leva a pensar nas consequências da pandemia de Covid-19 e a prorrogação de prazos para defesas de pesquisas de pós-graduação, levando em conta as condições sociais e emocionais desfavoráveis do isolamento social. Essa queda, porém, foi recuperada no ano seguinte, e no momento presente, no primeiro semestre de 2023, é possível localizar duas investigações defendidas sobre a temática no acervo da plataforma.

Tabela 1: Quantitativo de pesquisas com o descritor “ativismo”, 2018-2023.

Anos	2018	2019	2020	2021	2022	2023

Dissertações	3	6	3	9	4	1
Teses	4	4	2	3	2	1
Total por anos	7	10	5	12	6	2
Total	42					

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Em seguida, a pesquisa foi refinada pela inclusão do segundo descritor, “feminismo”. Foram encontradas 15 produções datadas dos anos de 2018 a 2023 (Tabela 2), mostrando por sua vez uma diminuição expressiva de estudos realizados, em contraste às pesquisas que tratam apenas do ativismo como categoria principal, articulado as demais categorias e conceitos, ou mesmo que optam por não explicitar uma reflexão feminista inscrita nos fenômenos investigados. Outro dado que chama atenção é que, entre o escopo em questão, há apenas duas teses publicadas, ambas no ano de 2019. Neste ponto, fica evidente que o campo de conhecimento se encontra em movimento de inauguração, e que apesar da emergência de pesquisas, estudos que compreendem as dimensões e particularidades do cenário artista, em diálogo às pautas e aos movimentos feministas, ainda são muito recentes.

Tabela 2: Quantitativo de pesquisas com os descritores “ativismo” e “feminismo”, 2018-2023.

Anos	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Dissertações	3	4	1	3	1	1
Teses	0	2	0	0	0	0
Total por anos	3	6	1	3	1	1
Total	15					

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Entretanto, surpreendentemente ao agregar o terceiro descritor nos deparamos com a escassez de pesquisas sobre o referido campo. Inicialmente, fizemos a busca pelo indexador “educação popular”, pois a pesquisa indaga as insurgências pedagógicas das expressões artistas feministas em diálogo direto

com os fundamentos da educação popular, que compreende a problematização, o diálogo e a participação. Assim, tendo em vista a afirmação de sujeitos sociais e políticos, e em uma ênfase feminista decolonial, tem como ponto de partida aos “corpos geradores” das mulheres do Sul global como “o lócus privilegiado onde o capitalismo global costuma inscrever suas leis e seu roteiro” (MATOS, 2010, p. 78), mas também como um lugar de enunciação e de denúncia, bem como um lugar de construção do pensamento. Após o recorte dos trabalhos que abordam tanto “ativismo” quanto “feminismo” e “educação popular” como palavras-chave, não foram encontradas produções técnico-científica para o período pesquisado.

Frente a isto, realizamos a estratégia de substituir “educação popular” por “educação”, configurando-se um indexador mais amplo. Como resultado final, restaram apenas 3 produções, datadas de 2019 a 2022, sendo duas dissertações e uma tese. A tabela 3 expõe esses resultados pelo ano de publicação, título, autor, programa de pós-graduação (PPG), universidade e tipo da pesquisa (dissertação ou tese). Como se evidencia, existe uma ausência de pesquisas que ensejam práticas educativas implícitas aos ativismos e às suas estratégias coletivas de produção enquanto atos artísticos, políticos e, como viemos propondo ao longo deste artigo, pedagógicos.

Tabela 3: Sistematização dos resultados da pesquisa com os descritores “ativismo”, “feminismo” e “educação”, 2019-2022.

Ano	Título	Autor/a	PPG	Universidade	Tipo
2019	Saúde, ativismos e pedagogia feminista: a feminária musical no contexto da Universidade Federal da Bahia	Anni de Novais Carneiro	Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo	UFBA	Tese
2020	Agora vimos!: Festival Delas e ações feministas-artistas-educativas pelas mulheres na arte	Mariana Benatti	Artes	Unesp	Dissertação
2022	Artivismo e pensamento computacional encontram na mídia-educação: um experimento feminista na educação básica	Ângela Aparecida de Almeida	Educação	UFTM	Dissertação

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Adicionalmente, ao longo da pesquisa na plataforma, optamos por fazer um recorte também entre as produções que continham apenas os descritores “ativismo” e “feminismo”, acolhendo ao total 10 trabalhos, dentre os quais constam as 3 pesquisas mencionadas acima e que incluem o indexador “educação” em seu escopo (Tabela 4). Dentro das motivações para isso, as metodologias de investigação pautadas nas teorizações pós-críticas deram subsídios para reelaborar nossa busca além do sentido moderno fixado ao método, assumindo os resultados pouco frutíferos encontrados pela pesquisa dos descritores no acervo do banco de dados e transitando de forma mais livre na leitura das produções para colher suas provocações, tecendo diálogos em potencial com a temática e objetivos do nosso estudo.

Tabela 4: Sistematização dos resultados da pesquisa no banco de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), 2018-2023.

Ano	Título	Autor/a	PPG	Universidade	Tipo
2018	Mulheres, práticas de resistência cultural e ocupação simbólica: as flâneuses da Baixada	Luísa Antonitsch Mansilha Mello	Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas	UERJ	Dissertação
2019	Saúde, ativismos e pedagogia feminista: a feminária musical no contexto da Universidade Federal da Bahia	Anni de Novais Carneiro	Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo	UFBA	Tese
2019	Artivismos e dissidências sexuais: movimentos coletivos de (cri)ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife	Isabela de França Meira	Psicologia	UFPE	Dissertação
2019	DOS ARRABALDES AO MIOLO: IYalodê ZeferinaS Anunciação em sua dança de guerra	Fernanda Silva dos Santos	Dança	UFBA	Dissertação
2020	Agora vimos!: Festival Delas e ações feministas-artistas-educativas	Mariana Benatti	Artes	Unesp	Dissertação

	pelas mulheres na arte				
2021	Luto enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da multidão SAPATRANSBONDE	TALIBOY	Artes Visuais	UFBA	Dissertação
2021	Corpos resistentes: artivismo e feminismo na américa latina	Bianca Ferrari Domingues	Ciências Humanas e Sociais	UFABC	Dissertação
2021	Poner la Cuerpa: Mulheres e Dissidências Latino-Americanas em Atos Performáticos	Pâmela Fogaça Lopes	Artes Visuais	UFPel	Dissertação
2022	Artivismo e pensamento computacional encontram na mídia-educação: um experimento feminista na educação básica	Ângela Aparecida de Almeida	Educação	UFTM	Dissertação
2023	Deixa que eu “canto” a minha história: Bia Ferreira, Katú Mirim e Ekena, interseccionalidades e artivismos na cena musical brasileira da atualidade	Deyse Carla Souza Santos Andrade	Cultura e Sociedade	UFBA	Dissertação

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Com os resultados desta indexação, delineamos de maneira provisória o cenário nacional de pesquisas que tangenciam as relações entre artivismos feministas e a educação na atualidade. A modo que cartografa uma lacuna expressiva de pesquisas que tencionam diferentes esferas e modalidades da educação, e da educação popular como campo de conhecimento singular, para debater este fenômeno na sua profusão de estratégias de produção e expressões estéticas.

Apresentação e discussão dos resultados

A partir do material elencado identificamos como categorias para análise os campos teórico-metodológicos predominantes nas publicações, bem como os aspectos investigativos e resultados mais representativos, de forma

interpretativa. De modo geral, os estudos sobre ativismos feministas se concentram em áreas de formações distintas, aparecendo com mais predominância em programas de pós-graduação em Artes, com 3 pesquisas, e se espraiam em programas interdisciplinares pelo país, como por exemplo, Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (1 pesquisa), Cultura e Sociedade (1 pesquisa) e Ciências Humanas e Sociais (1 pesquisa). Um dado significativo, para o cenário de pesquisas no qual estamos delineando, é que entre as 10 produções reunidas neste estado da arte duas pesquisas foram realizadas na área da Educação: uma delas pertencendo ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e a outra ao programa interdisciplinar em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mas somente a primeira engendra, de maneira explícita, a construção de práticas educativas como fio condutor da sua pesquisa.

Em sua maioria, as produções que dialogam com o campo da educação encontradas na nossa busca giram em torno dos ativismos feministas de forma interseccional, analisando estratégias de ocupação de espaços de produção do conhecimento que fissuram regimes de invisibilidade, promovendo um certo “alargamento” desses espaços em lugares de sociabilidade, em que outras práticas políticas de educação, de promoção de saúde e de afeto podem ser vivenciadas. Esses elementos podem ser citados no trabalho de tese de Anni Carneiro (2019), sobre as trajetórias das participantes da Feminária Musical, em Salvador/BA, e na dissertação de Mariana Benatti (2020), sobre ações promovidas pelo coletivo Festival Delas, em Jundiaí/SP. Ambas as pesquisadoras estão situadas e detêm seus olhares para coletivos em espaços geográficos distintos, entretanto seus trabalhos guardam similaridades que valem ser mencionadas, como o fato de realizarem pesquisas participantes acerca de grupos nos quais elas se engajam, a um só tempo, enquanto autoras e participantes.

Ambas também elegem para a construção metodológica de suas investigações a pesquisa qualitativa com base na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Na tese de Carneiro, este método foi utilizado durante a sistematização

do conteúdo das entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa, enquanto para Benatti, a Análise de Conteúdo ganhou contornos mais amplos junto aos processos do que se denomina “Bricolagem” (KINCHELOE; BERRY, 2007). Já quanto às perspectivas teóricas dos estudos algumas diferenças conceituais se revelam, a principal é sobre como elas entendem as práticas educativas dentro dos ativismos. Para Carneiro se tratam de “Pedagogias Feministas” assentadas na teoria-prática e poética do Feminismo Negro, segundo ela “compreendendo a potência de uma pedagogia feminista engajada, comprometida com um projeto político de libertação de todas as pessoas, que transborda as dimensões das relações de gênero” (CARNEIRO, 2019, p. 270). Para a autora:

A Pedagogia Feminista promove uma ruptura, assim como as Epistemologias Feministas, ao assinalar que o saber encontra-se apenas em um transmissor considerado autoridade, indicando a potência das vozes diversas e revelando o androcentrismo presente nos campos de conhecimento e sistematização destes. Dessa forma, compreende-se ser um processo de colaboração e construção coletiva (de muitas vozes), fortalecendo os saberes diversos (CARNEIRO, 2019, p. 270).

Por sua vez, Benatti caracteriza essas práticas no escopo da “Educação Não-formal”, que retira do espaço escolar a exclusividade do ensino-aprendizagem. Inspirada pelo pensamento do educador Paulo Freire (1987) e pelos preceitos da arte/educação (BARBOSA, 1998), para a autora o caráter educativo é indissociável à ação artista feminista:

Tais práticas se inserem no campo que relaciona de forma indissolúvel os componentes estéticos, éticos, educativos e políticos, aproximando-se dos preceitos contemporâneos de arte/educação por distanciar-se do “adestramento artístico” (FAVARETTO, 2010, p. 232) e propor experiências de/com arte, borrando limites entre artista e público, entre produtor e receptor, entre educador e educando (BENATTI, 2020, pp. 109-110).

Ainda sobre as concepções teóricas e as práticas educativas associadas aos ativismos feministas, encontramos a dissertação de Ângela Aparecida de Almeida (2022) em um espectro oposto, pois esta dirige-se exatamente para a educação “formal” escolar. Realizando uma pesquisa-ação, a autora desenvolveu oficinas com estudantes nos anos finais do Ensino Fundamental em

uma escola pública municipal da cidade de Uberaba/ MG, em que a temática dos ativismos ampliaram uma reflexão sobre propostas de alfabetização midiática e informacional (AMI). Como Almeida defende “Multidisciplinar por natureza, a AMI trava diálogo com outras áreas do conhecimento, a fim de promover a formação do usuário crítico das mídias e, entre essas áreas estão as artes” (Ibid., 2022, p. 17).

Ancorada nas políticas curriculares de Artes incorporada pela BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2018) que prevê o desenvolvimento de habilidades de autonomia, protagonismo e responsabilidade social para reconhecer e experimentar diferentes linguagens artísticas, bem como explorar recursos e tecnologias diversos nos processos de criação, Almeida introduziu, no decorrer das oficinas, obras artivistas. Com o objetivo de estimular a expressividade dos aprendentes e proporcionar reflexões críticas sobre o conceito de representação, utilizando ferramentas digitais de texto e *design*, a inspiração para o desenvolvimento dessa proposta foram as Pedagogias Feministas e libertárias, trouxe como referência Bell Hooks (2020):

A Pedagogia Feminista inspirou a dinâmica das oficinas por acreditar que este é o aporte que oferece uma epistemologia, estratégias de ensino, abordagens de conteúdo, referenciais para a relações professora-alunos que sejam flexíveis, sensíveis e questionadoras, como requer uma experiência educativa comprometida como a sensibilidade artística, com a crítica de mídia e com o rigor do raciocínio lógico (ALMEIDA, 2022, pp. 48-49).

Como conclusão, Almeida expõe que tanto o ativismo quanto a pedagogia feminista podem contribuir na formação de usuários críticos da cultura digital. Contudo, apesar desta ser a única pesquisa encontrada que provêm de um Programa de Pós-Graduação em Educação e direciona para os ativismos nas práticas educativas, ao contrário dos estudos de Carneiro (2019) e Benatti (2020), o trabalho de Almeida dialoga pouco com os objetivos e temática do nosso projeto. Uma vez que, centrado na sala de aula, não enfoca os ativismos sob uma perspectiva feminista e os mesmos aparecem apenas como recursos didáticos, deixando escapar um caráter educativo que pensamos intrínseco à arte artivista.

Adentrando outra cena-produção, que interpreta os ativismos feministas no campo das ocupações urbanas e que vai aparecer em grande parte das produções a partir desse ponto, as dissertações de Luísa Mello (2018) e Isabela de França Meira (2019) são representativas. Enquanto Mello volta-se para as práticas de resistência cultural de mulheres dentro de coletivos culturais na Baixada Fluminense/RJ, investigando as relações dos corpos na rua, Meira se dirige às ações e movimentações artivistas sexodissidentes na cidade do Recife/PE. Para a primeira, os eventos culturais como cineclubes, sarais, feiras e exposições de arte ao ar livre, promovidos por coletivos como a Facção Feminista Cineclube e Roque Pense!, são intervenções urbanas que abarcam múltiplas linguagens artísticas, e sua potência está em criar “outros espaços através de uma metodologia própria, como uma forma de produzir espaços de fala e atuação das minorias em voz” (MELLO, 2018, p. 19).

A autora utiliza como método a pesquisa etnográfica, com observação participante, entrevistas e realização de fotografias, e entende a arte urbana e engajada politicamente dessas mulheres, nomeadas como artivistas, relacionando manifestações artísticas e os protestos de rua que tomaram cena nas últimas décadas, uma vez que, ao debaterem e refletirem sobre questões políticas, segundo ela “existe um sentido coletivo partilhado, habitando ao mesmo tempo o universo da política e da experiência estética” (MELLO, 2018, p. 35). Da mesma forma, ela coloca a corporalidade como elemento central nessas intervenções, “como o corpo da cidade é afetado pelos eventos, e como os corpos das mulheres são afetados pela cidade, como uma troca” (Ibid., 2018, p. 35). E conclui que, ao colocar os corpos nas ruas, produzindo eventos, dirigindo filmes, expondo sua arte e socializando, elas fazem resistência, colocando o próprio corpo como mensagem, enquanto ferramenta para discutir o gênero através da performance, e a cidade enquanto espaço de visualidades, tornando-se as ‘flâneuses’ que resistem na Baixada.

Já Meira (2019) utiliza do método cartográfico (ROLNIK, 2006) para localizar cinco coletivos sexodissidentes no campo dos ativismos: os grupos “Monstruosas”, “Distro Dysca”, “Infecciosxs”, “Ocupe Sapatão” e “Hypnos”, fazendo um mapeamento que contou com entrevistas cartográficas

semiestruturadas, observação participante, produção de diário de campo, análise de conteúdo e dos movimentos de ocupação do território da cidade, assim como das articulações em ‘redes criativas’ entre essas coletividades, outros coletivos e territórios. As suas lentes teórico-metodológicas guiaram-se por uma perspectiva situada, feminista pós-estruturalista e decolonial, além de se aproximar dos estudos subalternos e da teoria *queer*, em termos epistemológicos, metodológicos, éticos e políticos (HARAWAY, 1995; BUTLER, 2003; ANZALDÚA, 2005; PISCITELLI, 2008; NOGUEIRA, 2011).

Ao decorrer da pesquisa, Meira destaca a autogestão como forma de organização coletiva e o uso das artes em linguagens híbridas (visuais, sonoras, audiovisuais, de performance etc.) que compõem narrativas coletivas no campo das sexopolíticas (PRECIADO, 2014; RUBIN, 2003). Acerca das ocupações do território urbano, o corpo é entendido também como um território, onde movimentos nômades, festas, festivais, mostras de filmes e rodas de debate criam heterotopias (FOUCAULT, 2001; 2013) e configuram-se em espaços de formação política, pois disseminam saberes contra hegemônicos. Assim, os activismos insurgem enquanto movimentações estético-políticas que disputam pela via do sensível e informam “sobre fazer não só arte/política, mas reconfigurar formas de viver, a partir de experimentações” (MEIRA, 2019, p. 135, *sic.*). Nesse ensejo, a autora conclui:

No campo dos activismos, encontrei um “boom” de criação de espaços que reúnem vários tipos de artes (híbridas), principalmente um forte circuito de festas sexodissidentes, mas também festivais, mostras de filmes, rodas de debate e outros espaços de formação política por várias vias que disseminam saberes contra hegemônicos [...] considerando também que a luta pela vida é a luta pela autonomia de nossos corpos e mentes. As performances impactam normatividades “frente a frente”, pela via do sensível, disputando imaginários, disparando reflexões e denunciando violências estruturais (MEIRA, 2019, p. 136).

Em um diálogo conceitual pós-estruturalista e *queer* importante, situamos a investigação de TALIBOY sobre o “Luto enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da multidão SAPATRANSBONDE” (2021). Na pesquisa,

o autore⁴, parte de uma metodologia autobiográfica, assumindo as suas experiências de vida para chegar nos processos de criação teórico-práticos da série de trabalhos e conceito intitulado “SAPATRANSBONDE”. Assim, o trabalho emerge no campo das artes visuais, adotando, nomeadamente, a intervenção urbana, a performatividade e o ativismo para agir no espaço público e urbano, mas ocupando também as redes sociais digitais e a própria construção da dissertação como espaço estético.

Através desse conceito, TALIBOY articula ideias e ações artistas nos embates com regimes discursivos, que se tornam centrais para pensar lugares de fala e as tensões entre as noções de identidade, representação, sujeitos políticos do feminismo e dos movimentos LGBTQIA+, refletindo, também, sobre o feminismo e o movimento LGBTQIA+ dentro do contexto latino-americano e brasileiro. De modo complementar, o autore faz um debate interessante sobre as práticas artistas, desenhando uma cronologia que vai da arte política dos anos 1960 até o conceito de ativismo na contemporaneidade, tensionando seu pertencimento aos campos da arte, da política e da cultura:

Compreender as complexidades, as aproximações e as diferenças entre os campos que dialogam entre si, através das práticas e teorias trans e multidisciplinares que o Ativismo contemporâneo mobiliza, assim como perceber o que o ativismo político mobiliza das práticas artísticas e o que dessas práticas modificam de fato o plano da cultura, da sociedade e a política, é buscar compreender como essas relações entre o campo da arte, da política e da cultura, focando no campo artístico - que é o lugar onde a pesquisa está posicionada - conseguem modificar o espaço coletivo e subjetivo nas aberturas de outros mundos possíveis (TALIBOY, 2021, p.64).

Outra pesquisa que relaciona a perspectiva dos activismos feministas a *insights* autobiográficos sobre processos de criação em arte é a dissertação da artista-pesquisadora capoeirista Fernanda Silva dos Santos (2019). Nela, Santos parte de uma investigação afrodiáspórica transdisciplinar em dança,

⁴ A opção pela neutralidade parte de um posicionamento político que confronta a cisheteronormatividade das convenções linguísticas e acadêmicas, e vai de encontro à identidade de gênero do *pesquisadore*, que se autodeclara uma pessoa não-binária sapatão *transmasculine*. Para saber mais sobre os debates atuais sobre a linguagem neutra no campo dos estudos de gênero e sexualidade, ver: OTHERO, Gabriel de Ávila; FILHO, Fábio Ramos Barbosa. Linguagem “Neutra”. Língua e Gênero em Debate. São Paulo: Parábola, 2022, 95-118.

desenvolvendo uma escrita incorporada que entrelaça sua história de vida e atravessa métodos de pesquisa próprios do campo, como o Jogo da Construção Poética (MACHADO, 2017), para a construção da personagem “Iyalodê ZeferinaS Anunciação”. Além de realizar pesquisa participativa com coletivos de mulheres capoeiristas, focalizando, principalmente, o Grupo Nzinga de Capoeira Angola e o Grupo de Intervenções e Estudos Marias Felipas. Na leitura de Santos, os ativismos aparecem sob o termo “ARTEvismo” (BARRETO; ROSA, 2018), atrelados em uma corrente acadêmica feminista que une o pensamento decolonial a insurgências metodológicas, entendendo a arte como campo crítico, subversivo e as práticas artivistas como produção de conhecimento feminista.

Ainda dentro desses *insights* autobiográficos em processos de criação de arte, na dissertação de Pâmela Fogaça Lopes (2021) realiza-se uma pesquisa Artetnográfica (LYRA, 2014), atrelando cartografia e escrita performática para investigar o trabalho artístico e o pensamento de mulheres e dissidências latino-americanas na criação em performance. A partir de suas vivências com trabalhos coletivos em performance arte e em dramaturgias que se movem por textos autorais, feitas principalmente para o espaço das ruas, Lopes desenvolve a expressão “poner la cuerpa”, no qual implica o corpo com um local a partir do qual se cria, “considerando que as corpas em performance são políticas” (LOPES, 2021, p. 27). Apresentando reflexões sobre as intersecções feminismo, performance, arte e ativismo na América Latina (COLLING, 2019; GIUNTA, 2019; ROJAS, 2015; PEÑA; MAYER; ROSA, 2018) a autora estabelece diálogos com as formações coletivas em marchas e atos públicos feministas, e evidencia processos de criação em rede e estratégias micropolíticas de (re)existência com os eixos poéticos, éticos e estéticos, “coletividades e ação”, “mutações” e “encontro”.

Ao longo da pesquisa, Lopes vai formulando os ativismos feministas enquanto ações “político-poéticas” que têm sido acionada ao sul do continente americano, agenciando territórios performáticos e possibilitando novos encontros e referências ao trazer à tona obras, fazeres de mulheres e dissidências invisibilizadas no passado e presente, subvertendo o cânone sobre

o quê e quem são agentes da arte e rompendo com as estruturas da história oficial. Por sua vez, Bianca Ferrari Domingues (2021) também relaciona arte, corpo, política e feminismo na América Latina em sua dissertação, a partir de um marco teórico sócio-histórico feminista e foucaultiano, na qual partilha com a pesquisa de Lopes (2019) esta indagação dos cânones da história dita “universal” e a compreensão do campo artístico como um espaço de confluência entre a poética e a política. Em seu trabalho, Domingues desenvolve uma pesquisa documental que abrange o contexto das Ditaduras Militares no Brasil, Chile e Argentina entre as décadas de 1970 e 1980, explorando os relatórios das Comissões Nacionais da Verdade que tiveram lugar nesses países, e analisa as relações históricas entre corpo e poder, em um primeiro momento, mas também o papel do corpo no ativismo feminista latino-americano a partir da década de 1970 como objeto central, situando obras de três artistas: Letícia Parente (Brasil, 1930-1991), Glória Camiruaga (Chile, 1940-2006) e Liliana Maresca (Argentina, 1951-1994).

Finalmente, a pesquisa de dissertação de Deyse Carla Souza Santos Andrade (2023) volta-se para a atualidade dos ativismos feministas no campo musical, em que analisa obras e intervenções públicas de três cantoras: Katú Mirim, Bia Ferreira e Ekena. Com uma abordagem teórico-metodológica que cruza a interseccionalidade, em diálogo com saberes dos feminismos negro (KILOMBA, 2019; hooks, 2015; CARNEIRO, 2002; LORDE, 2021), decolonial (LUGONES, 2014; CURIEL, 2019) e *queer* (COLLING, 2018 e 2019; BUTLER, 2003). Andrade detém seus olhares para as obras das artistas, mas também para algumas entrevistas e performances artísticas disponíveis *online*, que a possibilitaram construir seu corpo documental, acionando a teoria para compreender temas e problematizações produzidas pelas artistas em seus discursos.

São mencionados no estudo de Andrade, de forma panorâmica, temas que parecem sintetizar as discussões no campo dos ativismos feministas lidos nos trabalhos encontrados em nossa busca, tais como: performance; educação; afrofuturismo; afeto; ancestralidade; colonização; resistência; cura; transgressão; corpo; território; rua; redes sociais etc. Assim, podemos espiralar

este estado da arte e voltar à investigação de Anni Carneiro (2019) para ampliar um diálogo conceitual em torno dos feminismos negros e decoloniais, centrais à perspectiva teórica dessa segunda, apontando o impacto desses posicionamentos numa transformação poético-epistemológica-metodológica profunda na forma como ambas se inscrevem em seus trabalhos. Isso aparece de forma bastante sensível na maneira que Andrade conclui sua pesquisa, afirmando que são as inter-relações que produzem sujeitos singulares e cenas artivistas, atravessando o “nó (amarração, encruzilhada) construído no nós (coletivo) reivindica outras construções e outras possibilidades de nós (encruzilhada e coletividades)” (ANDRADE, 2023, p. 142).

Se Audre Lorde (2021) afirma que a poesia não é um luxo, concluímos que é o trabalho de subjetivação ativa como resistência criativa que entretence os modos como as práticas artivistas são formuladas por suas realizadoras, interpretadas pelas pesquisadoras e pesquisador. Figurando não apenas como objeto das pesquisas, mas inseridas, artistas, pesquisadoras/es e artistas-pesquisadoras/es nos marcos éticos, estéticos, corpóreos e políticos que engajam suas escritas a uma pedagogia radical feminista que se faz na coletividade. Por fim, o levantamento da produção-técnico-científica permitiu-nos localizar, em seus trabalhos, um *artivismo* feminista que em um só tempo provoca a desconstrução e a construção de outras relações com os corpos, com as práticas e com a subjetivação (STUBS et al., 2018), abrindo caminhos para experiências estético-políticas de educação.

Conclusões

Nesse artigo nos propusemos a realizar um *Estado da Arte* sobre a produção técnico-científica no período de 2018-2023 a respeito das relações entre artivismos feministas e educação. De acordo com essa proposta, localizamos e contextualizamos dez publicações, sendo uma tese e nove dissertações. Assim, mapeamos os campos teórico-metodológicos predominantes nas publicações, bem como os aspectos investigativos e resultados mais representativos, no entanto, sem prover generalizações. Já que

há poucas pesquisas e, como o processo de pesquisa no acervo do banco de dados da BTDT reitera, existe uma lacuna expressiva de pesquisas com o indexador “educação”, bem como uma total ausência de pesquisas que articulam essas temáticas à “educação popular”, sendo esse campo de conhecimento singular que mobilizou nossa investigação. A construção de conhecimento acadêmico sobre os ativismos no contexto dos movimentos feministas latino-americanos está em processo de emergência.

Como foi descrito, na maioria dos estudos apresentados as ações artivistas são pensadas de modo interseccional a raça e as dissidências de sexo e gênero, analisando estratégias de ocupação ora de espaços institucionais, produção de arte e conhecimento; ora das visualidades em manifestações urbanas e nas mídias sociais em atos públicos, reinventando esses espaços como lugares de sociabilidade, de afeto e de educação. Outra dimensão que se faz presente são os referenciais teórico-metodológicos, na qual é notável que algumas correntes e autores aparecem com frequência nos trabalhos pesquisados, como é o caso do feminismo pós-estruturalista e dos estudos *queer*, aliados aos estudos da performance, citando autores como Judith Butler (2003), Donna Haraway (1995), Paul B. Preciado (2014), Gayle Rubin (2003), entre outros. Com relevância para nossa proposta de pesquisa, também foram localizadas referências embasadas na crítica dos feminismos negros e decoloniais, citando Bell Hooks (2015 e 2020), Audre Lorde (2021), Sueli Carneiro (2002), Grada Kilomba (2019), Maria Lugones (2014), Glória Anzaldúa (2005), Oichy Curiel (2019), entre outras.

Da mesma forma, as inovações metodológicas que se fazem presentes nos trabalhos, engajando pesquisas participantes, cartográficas e biográficas onde escritas incorporadas/encarnadas colocam o corpo como território político e as práticas artivistas como produção de conhecimento feminista, nos provocam e dão pistas para as possibilidades de continuidade para prosseguir na pesquisa de dissertação que deriva desse levantamento bibliográfico. Posto isso, diferentes campos de investigação, a exemplo das formulações sobre os lugares educativos dos ativismos, que variam entre a educação não-formal e os princípios da arte/educação, como aponta Mariana Benetti (2020), e as

Pedagogias Feministas contextualizadas por Anni Carneiro (2019), demonstram a necessidade de maiores investigações sobre as práticas educativas feministas populares dos ativismos no Sul Global que passam a ser enxergadas em suas potências artísticas, políticas e pedagógicas, promovendo descolonizações e aprendizagens outras, calçadas na experiência da coletividade e nas estratégias micropolíticas de (re)existência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Aparecida de. **Artivismo e pensamento computacional encontram na mídia-educação: um experimento feminista na educação básica**. 154 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2022.

ANDRADE, Deyse C. S. S. **Deixa que eu “canto” a minha história: Bia Ferreira, Katú Mirim e Ekena, interseccionalidades e ativismos na cena musical brasileira da atualidade**. 152 f. Dissertação (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de Pedagogias Culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, pp. 1-23, 2017.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza - Rumo a uma nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3), 704-719, 2005.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, n. 11, Brasília, pp. 89-117, maio/ago. 2013.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Caroline; ROSA, Laila. Falando em línguas: Artevismo como forma de produção de conhecimento feminista. In: GROSSI, M. P.; BONETTI, A. de L. (Org.). **Caminhos feministas no Brasil: teorias e movimentos sociais**. Tubarão - SC: Ed. Copiart e Ed. Tribo da Ilha, 2018. pp. 19- 32.

BENATTI, Mariana. **Agora vimos!:** Festival Delas e ações feministas-artistas-educativas pelas mulheres na arte. 184 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes - IA) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Anni de Novais. **Saúde, ativismos e pedagogia feminista: a feminária musical no contexto da Universidade Federal da Bahia.** 337 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Raça e gênero. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. (org.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira.** São Paulo: Editora 34, 2002. pp. 169-193.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Revista Sala Preta,** São Paulo, v. 18, n. 1, pp. 152-167, 2018.

COLLING, Leandro. A emergência e algumas características da cena artista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil da atualidade. In: _____ (Org.). **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero.** Salvador: EDUFBA, 2019. pp. 11-40.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: BALDUINO et al. (org.). **Descolonizar o feminismo.** Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019. pp. 32-51.

DOMINGUES, Bianca Ferrari. **Corpos resistentes: ativismo e feminismo na América Latina.** 233 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2021.

DUSSEL, Henrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In LANDER, E. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales.** Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2003.

FERREIRA, Norma. S. de A. Pesquisas intituladas estado da arte: em foco. *Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática*, [S. l.], v. 2, p. e021014, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/view/524>.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. *Ditos e escritos*, v. 3, pp. 411-422, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GIUNTA, Andrea. *Feminismo y Arte Latinoamericano: Historias de artistas que emanciparon el cuerpo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 5ª ed., 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

_____. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 16, pp. 193-210, jan./abr. 2015.

HILL, Cecilia Fajardo; GIUNTA, Andrea (Orgs.). *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. pp. 37-41.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

KINCHELOE, Joe; BERRY, Kathleen. (Orgs.) *Pesquisa em educação: Conceituando a bricolagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LIMA, Adriane; NERI, Isabel; SILVA, Lúcia Isabel. Saberes e Resistências: práticas de uma educação popular feminista. In: LIMA, A. (Org.). *Caderno de educação popular feminista. Círculos de saberes e aprendizagens*. (1a ed.) Guadalajara: CEAAL Editora, 2021.

LIMA, Indiara Launa T. da S. Expressão criativa e produção de arte como prática de uma pedagogia feminista decolonial. In: VEIGA, A. M.; VASCONCELOS, V. N.

P; BANDEIRA, A. (Org.). **DAS MARGENS: lugares de rebeldias, saberes e afetos.** Salvador: EDUFBA, 2022.

LOPES, Pâmela Fogaça. **Poner la Cuerpa: Mulheres e Dissidências Latino-Americanas em Atos Performáticos.** 248 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências.** Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 3, pp. 935-952, 2014.

LYRA, Luciana de Fatima R. P. de. Artetnografia e Mitodologia em arte: práticas de fomento ao ator de f(r)icção. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 22, pp. 167 - 180, 2014.

MACHADO, Lara R. **Danças no Jogo da Construção Poética.** Natal, Rio Grande do Norte: Editora Jovens Escribas, 2017.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In CASTRO-GOMES, S.; GROSFUGUEL, R. (Org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Siglo del Hombre-Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos-Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

MATOS, Marlise. Movimento e Teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?. **Revista Sociologia Política.** Curitiba, v. 18, n. 36, pp. 67-92, jun. 2010.

MATOS, Marlise. **Pedagogias Feministas Decoloniais: a extensão universitária como possibilidade de construção da cidadania e autonomia das mulheres de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MEIRA, Isabela de F. **Artivismos e dissidências sexuais: movimentos coletivos de (cri)ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife.** 157 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MELLO, Luísa A. M. **Mulheres, práticas de resistência cultural e ocupação simbólica: as flâneuses da Baixada.** 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2018.

NOGUEIRA, Conceição. Introdução à teoria da Interseccionalidade nos Estudos de Género. **Género e Ciências Sociais**. Maia: Edições ISMAI, pp. 57-78, 2011.

OLIVEIRA, Isabella M. de. **Por uma pedagogia feminista...“até que todas sejamos livres!”**. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Fundação Joaquim Nabuco, Recife: 2019.

OTHERO, Gabriel de Ávila; FILHO, Fábio Ramos Barbosa. **Linguagem “Neutra”**. *Língua e Gênero em Debate*. São Paulo: Parábola, 2022, 95-118.

PARAÍSO, Marlucy A.; MEYER, Dagmar E. E. Apresentação: Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: _____. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Mazza, 2021, v. 1, pp. 17-24.

PEÑA, Julia Antivilo; MAYER, Mónica; ROSA, María Laura. Arte e “artivismo” na América Latina: um diálogo entre três vozes. In: HILL, C.; GIUNTA, A. (orgs.). **Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. pp. 37-41.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, pp. 263-274, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual** - Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRIMO, Judite. Prefácio. In PRIMO, J.; MOUTINHO, M. (Ed.). **Sociomuseologia: para uma leitura crítica do Mundo**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 117-142.

ROJAS, Andrea Patricia Z. **“Poner el Cuerpo”**. **El Cuerpo en la Performance, en el Arte Contemporáneo de Quito**. 149 f. Tesis (Maestría en Ciencias Sociales) - Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO/Ecuador). Departamento de Sociología y Estudios de Género, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre Sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 21. p. 1-88, 2003.

STUBS, Roberta, TEIXEIRA-FILHO, Fernando S., LESSA, Patricia. *Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade*. **Revista Estudos Feministas** [Internet]. 2018;26(2):e38901. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n238901>

SANTOS, Fernanda S. dos. **Dos arrabaldes ao miolo: IYalodê ZeferinaS Anunciação em sua dança de guerra**. 167 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

TALIBOY. **Luto enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da multidão SAPATRANSBONDE**. 276 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

Recebido: 02/09/2023

Aprovado em: 09/03/2024

Publicado em: 05/04/2024